

BIBLIOTECA U. L. A. /
 N.º: 0.869.105
 R. 496
 15-9-81

N.º. 2

FLORIANOPOLIS — ABRIL

ANNO I



Terra



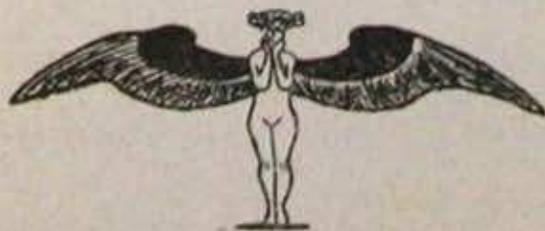
REVISTA DE ARTES E LETRAS

■ ■ A ESPERANÇA ■ ■

(EXERPTO)

A esperança é o rythmo da vida e transforma o ephemero em eterno, o limitado em infinito. Todos nós estamos, pois, sempre á espera de alguma coisa : um anhelos de felicidade, um sonho de amor ou uma aspiração de gloria... E ainda mesmo os que tiverem tudo mallogrado, os scepticos, os desanimados, esperarão ainda, com indefinivel esperança, o *inesperado*...

Edmundo da Luz Pinto.



AUSENTE

I

*Eu não a vejo mais, eu não a sinto,
A sua voz cessou-me de cantar,
Vogueio por horrendo labyrintho,
Por altas terras e pelo alto mar.*

*Saudade! Taça exótica de absyntho,
Eis-me de luto, lívido, a chorar;
Procuro-a no vapor do vinho tinto
E nesse fluido glauco, o lindo luar.*

*Abraço inteiro o leito que occupava
— Divina de belleza e mocidade,
Cheia de beijos, num altar de lava.*

*Busco vel-a na Morte, mas não creio,
E emerge da saudade outra saudade,
Outra, e ainda outra mais rôxa, de permeio.*

II

*Valente Nau, que mares tão distantes
Perlustras, em roteiro quotidiano,
Que levas a nostalgicos amantes
Cartas e beijos, através do Oceano...*

*Esperança, entre tanto desengano,
Galera de soberbos navegantes,
Veleja para mim a todo o panno,
Espero ver os teus pharóes errantes.*

*Que noticias me trazes? Está salva?...
Finou-se num parcel do Extremo Oriente?
Aporta ao coração no quarto d'Alva.*

*Não chega, emtanto, a ingrata mensageira...
Immerge pela cinza do Occidente
Minh'alma vae-lhe em prantos pela esteira.*

28-29—Janeiro—1918.

OSCAR ROSAS.

TERRA

REALIDADE astral d'um sonho de nebulosa, tu és, Terra — Tudo e Nada!

Por ti, num deliquio morno de Tarde, o primogenito do primeiro homem matou o irmão — só porque não eras para elle a mesma esposa fecunda, de cujo ventre nasciam pomos saborosos e espigas de grãos de oiro!

Por ti ardeu o primeiro incendio e por um retalho da tua carne o homem luta, soffre, rouba, mata, triumpho e desaparece.

Unico pensamento no naufragio és ainda, para os que andam sobre as aguas nos bojos de madeiros frageis, o ideal constante, porque tu és a aldeia, a infancia, a mãe, o amor e o filho!

A's vezes, cheia de iras com a violação brutal das tuas entranhas, abres-te em vulcões, e estremeces, e revolves as aguas, e sepultas cidades, e extingues povos, e mudas em tragicos os serenos destinos humanos!

Mas... esses frutos de fogo e lava, porque sahiram do teu ventre, como filhos d'um conubio amorosissimo, são ainda bem amados pelos homens!

Porque os homens te amam, te amam com insana e cega loucura!

E já quando nada mais de illusão lhes resta na alma envelhecida, depois de te desejarem toda inteira, contentam-se com sete palmos apenas do teu corpo!

Othon d'Eça.



Crepuscular

NIMBADA d'oiro e cinza, a tarde rola
Como livida palpebra que cae...
E' um nelumbo á flôr d'agua, uma corolla,
Cujo perfume embriagador me attrae.

A alma ajoelhada, a mente em desatino,
Ergo os braços ao céu, clamando em vão...
A tarde é a urna sagrada onde o Destino
Põe sempre cinzas de recordação.

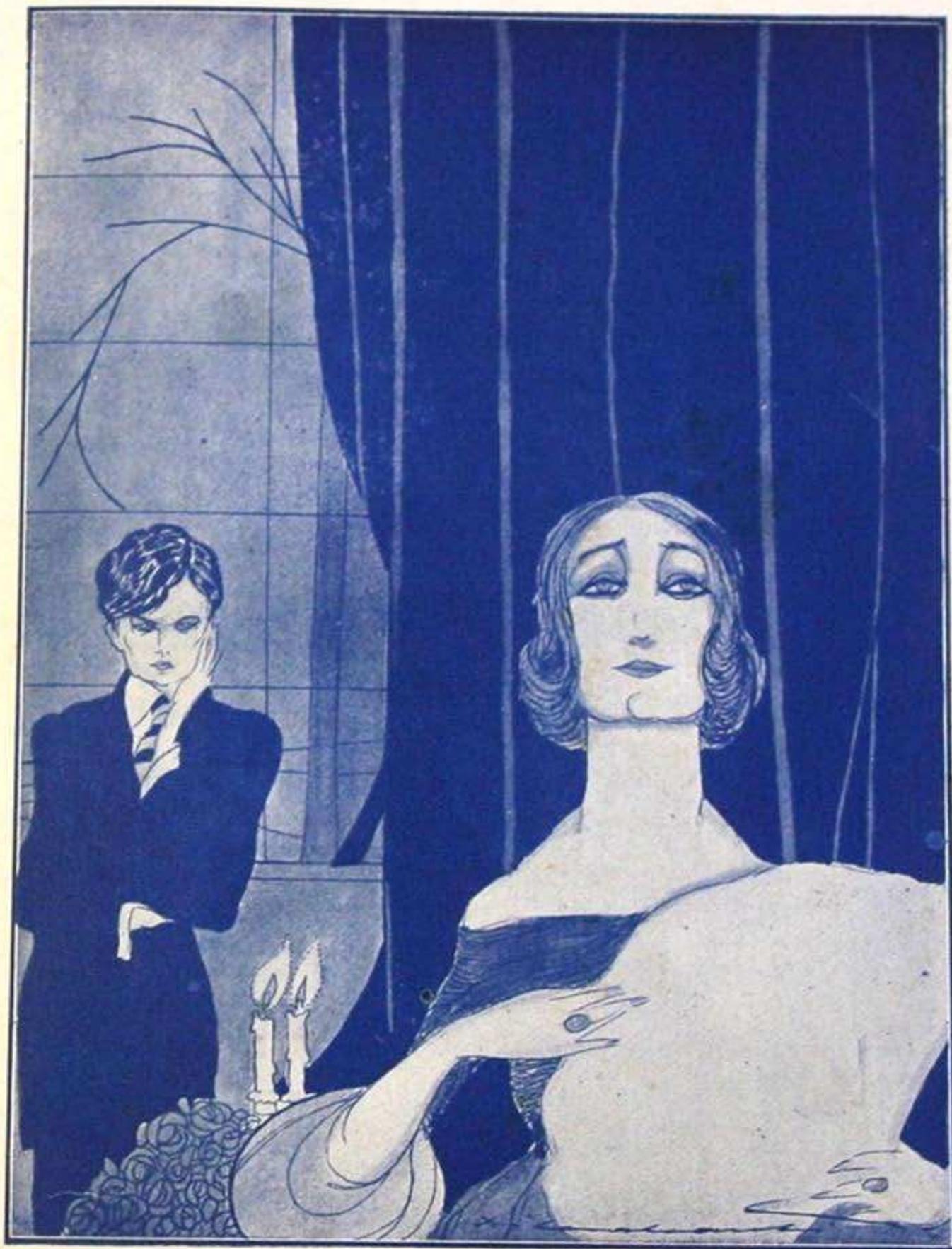
E' nella que se evoca o que, na Vida,
Todos recordam... Triste memorial!
Ha sempre uma mulher que foi querida
E um veneno de Amor que foi mortal!

Ha sempre um beijo dado na penumbra.
E um gesto lento e triste que ficou...
E nesse gesto vago se vislumbra
Toda a historia do tempo que passou...

Nimbada d'oiro e cinza, a tarde rola,
Desfolhando-se em petalas de flôr...
Teve uma vida breve de corolla.
Que passe! E' mais uma alma que se estiola...
Meu Amor! meu Amor! meu pobre Amor!

Olegario Marianno.

Crepuscular



Desenho de Di Cavalcanti

O eterno illudido

(Para um sonhador)

O coração é mesmo assim, querida. Não sabe nunca o que quer; quando alcança o que almeja, bem depressa esquece o que conquista, ansiando já por outro sonho nascido das cinzas ainda quentes do primeiro...

Quanto mais possui, tanto mais ambiciona; abrasado na insaciável sede da Illusão, pensa transpor os umbrais do Impossível.

Seu rumo é o norte; avança, estremece, recua, inflama-se depois, esmorece ainda, mas não perde nunca a esperança de chegar ao fim.

E' como o pendulo gasto e enfermigo do velho relógio, que anda, movido por uns restos de corda; uma só volta, e é quanto basta para que, ainda ao morrer, marque um segundo mais no Tempo infinito que o coitado pensava acompanhar eternamente.

O coração da criança quer ser moço; quando moço, sonha pulsar forte no velho; e, mesmo depois de ter alimentado seus oitenta annos de illusões, deseja não parar nunca! Não parar nunca, porque os velhos pensam em tudo, menos nos an-

nos que têm e que, por isso mesmo, sol a sol os abeiram do tumulto.

Adivinho e feiticeiro, torna-se ás vezes insondavel em seus mysterios; sonhador imperturbavel, não verga nem acorda ás primeiras vergastadas do soffrimento; quando muito, dobra como o caniço á beira do rio, soprado pela rajada; quantas vezes chora amargurado de dia e canta alegre de noite! Foge-lhe um sonho? Quantos ainda ficam a ver-dejar?

Mas, ah! um dia, tudo voa do pobre coração.

E mesmo assim, perdido nas trevas da desolação, escabujando na agonia dos moribundos — o coração aquieta-se uns minutos...

Ao longe um vulto caminha para elle: é a Morte.

O coração, arquejante, sorri; e, eterno sonhador, ainda espera.

E, afinal, minha querida, cessa de bater, sonhando sempre!

(Outono de 1920.)

OSWALDO MELLO.



Musica do outono

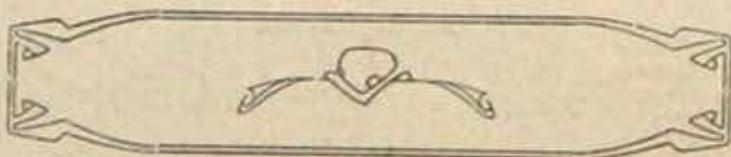
(TRADUÇÃO)

DESDE que Maria me deixou e foi para uma outra estrellã -- qual? Orion, Al-tair, e tu, verde Venus? -- eu tenho amado sempre a solidão. Quantos dias longos vivi só com o meu gato. Por só, entendo: ser um ser material, e o meu gato é um companheiro mystico, um espirito. Posso dizer, pois, que vivi longos dias só com o meu gato, e, só, com um dos ultimos auctores da decadencia latina; porque, desde que a branca creatura me deixou, estranhamente e singularmente, prefiro tudo o que se resume nesta palavra: quêda. Assim, no anno, os meus dias favoritos são os dias derradeiros e enlanguescidos do estio, que precedem immediatamente ao outono, e a hora em que eu saio é quando o sol se repouza, antes de morrer, com os seus raios de cobre amarello sobre as paredes cinzentas, e de cobre vermelho sobre as vidraças. E por isso, a literatura, á qual o meu espirito peça uma voluptia, ha de ser a poesia agonizante dos momentos finaes de Roma, que não indique, entretanto, a approximação remoçante dos barbaros e não tartamudeie o latim

infantil das primeiras prosas christans.

Eu lia um destes queridos poemas (cujas manchas de velhice têm mais encanto para mim que o rosado da juventude) e mergulhava uma das mãos no pello do puro animal, quando um realejo começou a cantar languidamente e melancolicamente, debaixo da minha janella; começou a cantar numa grande alameda de choupos, cujas folhas me parecem de uma côr amortecida, mesmo na primavera, depois que Maria passou por alli, entre velas accesas, uma ultima vez. O instrumento dos tristes, sim... O piano scintilla, o violino enche de luz os nervos despedaçados, mas o realejo, no crepusculo da saudade, me faz sonhar, desesperadamente... Agora que elle cantava uma aria risonha e banal, pondo uma alegria no coração do bairro, um ar antigo, frivolo: por que razão o seu ritornello vinha á minh'alma e, como uma ballada romantica, me fazia chorar? Eu o escutei lentamente e não atirei nenhum soldo pela janella, com medo de me perturbar, de ver que o realejo não cantava sózinho...

Stéphane Mallarmé.



Versos a um moinho

O' moinho solitario! O' moinho triste! O' moinho!
Tu me evocas, assim, á beira do canal,
Por este céu que tem laivos de oiro e de vinho,
A Hollanda que eu sonhei, calma e sentimental.

O teu vulto de athleta, o teu vulto disforme,
E' bem, no espelho azul das aguas de crystal,
A imagem do teu corpo e da tua alma que dorme.
O' moinho, não terás uma vida animal?

E's um homem que soffre, és um homem que espera,
Por esta grande tarde anil de primavera,
Que te arranquem do peito a serpente do mal!

Eu me revejo em ti, moinho quedo e silente,
Como tu te revês, olhando tristemente,
A' agua que corre azul no leito do canal...

Amsterdão, 1914.

LUÍS EDMUNDO.



Trio da Vida

TU és a criação do pavor burguês !...

E's a vigilia trazida pela covardia do egoismo !

E em toda essa labuta, em toda essa faina, a vida — que são as alegrias falsas e as verdadeiras dores — destacam-se as tuas linhas suaves, surge o teu sereno perfil, no silencio frio da noite, acapuçada no biôco de um *poncho* e na sombra tranquilla...

Os ultimos ébrios esses mesmos, já foram, tropegos do passo, ensinados no caminho erroneo bondosamente por ti. As derradeiras *braseries* estão já fechadas, com os pharões apagados. Tudo é silencio e tudo é sombra. A policia essa, propria, dorme... Velam sò tu e o ladrão, tu e o crime, á luz vasquejante e fraca do gás publico, um espreitando o outro...

E que emoção a tua, que sensacional momento o teu, quando o primeiro olhar investigador aponta, a primeira cabeça larapia espreita, sorrateiramente, á quina da rua, a ver se acaso dormes.

Instantes decorrem e *elle* vem, cáuto — os pés encordoados, o ouvido attento, o olhar revêssos... Vai a abrir a entrada ferrea das joalherias, com as laminas abaêtadas e com a traição de uma gazua, e, em pouco, na treva interior da loja, onde os braceletes fulgem no acolchoado negro das pellucias, o olho luminoso e

verde de uma esmeralda fixa-o, olhando-lhe o crime na palma aberta da mão...

Ah ! Guarda nocturno !... Tu és o homem diante de cujos olhos passa toda a trilogia da vida !... Não seres tu um philosopho, nem seres tu um artista !... A vida !... A vida !... Ninguem tão de perto lhe assiste o cortejo, ninguem a vê melhor do que tu a vês... O Natal, o Amor e essa ironia epilogar e lugubre da Morte... Emquanto tu velas, os outros nascem, os outros amam, os outros morrem...

Todo o drama se desenrola aos teus olhos e tu o contempas, emmudecido e alerta, na quietude de uma rua erma...

A noite asperge sobre a cidade um peneiro fino d'agua infiltrante, e tu vais, Guarda nocturno, rua além, regougando velhas cantigas, baixo, para que os outros não despertem, impulsando os batentes, espaço a espaço, a verificar si a prudencia burguesa os fechou, e a pensar nos teus que áquellas horas dormem na estreiteza de um quarto, em uma rua distante de arrabalde pobre...

Avança á distancia, a crescer de estrepido o rodar febril de um carro e através da nevoa, duas lanternas scintillam — uma azul, outra branca...

Chegas então somnolento, ao extremo da tua ronda, vais a sentar,

Cabeça de velho



Estudo de Carlos Reis

(Propriedade de Mlle. Margarida Lopes d'Almeida)

Trio da Vida

aos bocejos, no granito, que uma cornija resguarda, mas o rodar vertiginoso cessa, estaca, prèsto, a teu lado, e um homem salta, rapido, de sob a cupula negra da carruagem. Tem os gestos estranhos e a voz tremula...

Indaga supplice com pressa, como implorando breve a resposta... Procura a parteira... Não tem agora, ao certo, o nome na memoria. E dá-te os signaes: — Uma alta, francesa. Si a conheces, si sabes?... E és tu quem sollicito o guias, e mesmo és tu quem pries o tympano, alarmando a casa, appellando áquella jardineira da vida que venha desabotoar mais uma flor — lyrio roxo de tristezas, que ha de ser, ou rosa nevada de alegrias...

E' o natal, Guarda nocturno! E' o natal...

Novamente segues, e, passos em frente, um balbucio, um vozear apressado e baixo, esperta-te os sentidos...

Esbate-se, em nodoa clara, um vulto branco, em debruço, no quadro escuro de uma janella alta... Fala, timido, medroso, á calçada á mancha de um outro vulto, indistincto pela sombra que o cerca e pela garôa que desce... E o tilintir de uma chave no lagedo humido, é, por instantes, o unico ruido, pequeno e sonoro, a te ferir os ouvidos, no silencio da noite e na rua tranquilla...

E' a chave de amor, Guarda no-

cturno, a chave d'oiro da ventura, que a mão tremula e branca de Dona Elvira atirou ao *sombreiro* de Dom João...

E' o amor, Guarda nocturno! E' o amor!...

Adiante caminhas, abrindo na bruma ergarça a rubra lentilha accesa do teu cigarro em fumêgo...

Da aberta escâncara de uma janella, irrompe para a sombria quietude o clarão flacido de flammis tristes, que a aragem abate e revive, num bruxoleio agonico de alampadarios de claustro, barrando em luz funerea, como um occaso livido de país de mortos, a frontaria cerrada e muda dos predios em frente...

E lá chegado, páras, perscrutas, olhando aquelle interior illuminado pela luz lugubre...

Está ao centro da sala, sobre as taboas nuas da mesa, ladeado de tocheiros altos, um corpo hirto... E' o de um homem.

Tem os pés voltados para onde estás, para a rua e tu o vês, assim, em escorço, dos pés á frente — primeiro as solas limpas dos botins novos, e, ácima, os nós dos dedos enlaçados sobre a proeminencia do ventre, presos os pulsos por atilhos de cadarço branco, depois a barba, ao baixo queixo, grisalha, no emmaranhamento ainda dos longos dias de leito, e, por fim, sobre a espessura aspera do bigode, as duas fossas do nariz entupidas de algodão...

Trio da Vida

Ao chammejo dos cirios, a sombra da cruz, á cabeceira do morto, move-se accrescida na parede, ao fundo, e oscilla pausadamente, um lado a outro, como um pendulo symbolico...

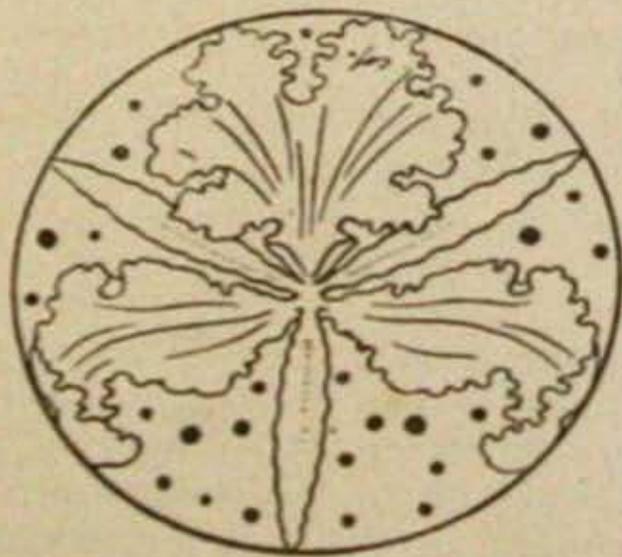
E' a morte, Guarda nocturno!
E' a morte !...

Descobres-te e os teus labios balbuciam qualquer cousa — os olhos fitos no alto, no algodoamento da nevoa...

O teu *quarto* é o ultimo, e, em pouco, o jacto secco de um estampido echôa, de onde ficam fortalezas da barra, e alarga-se, espraia-se, como um nuncio da aurora, por sobre as sotéas, por sobre os zimborios, por sobre a rede cruzada dos

fios, desde a beira mar ás montanhas além. O apagador do gás publico chega, vem a extinguir a chama de combustor em combustor, de lagedo aqui a lagedo opposto... Conhece-te, é um vizinho teu da *avenida*: — Bom dia — Bom dia. E, enquanto a cidade acorda, e os primeiros banhistas passam, caminho das praias, enquanto os outros voltam para a labuta, vais tu, então, Guarda nocturno — que agora toca-te a vez — ou para a morte ou para o amor, já sob a uz impropria do primeiro sol, sem a protecção silenciosa e discreta da noite...

LIMA CAMPOS.



SONETO

NESSA alongada infancia, á luz serena
Do luar da prece, em vago olor delida,
Florescia o jardim da minha vida,
Alvejante de lirio e de açucena.

Depois, na adolescencia --- manhã plena
De rubores e cantos --- sem medida
Descerrando a corolla appetecida,
A rosa do desejo o ar envenena !...

Depois ?... Volupia, riso, amor, confôrto...
Desentranhou-se, ao sol da mocidade,
Em papoulas e cravos, o meu horto.

Emfim, velhice... Já, com a sombra, invade
O canteiro, onde jaz meu sonho morto,
Floração de perpétua e de saudade...

Goulart de Andrade.



Meu Casal

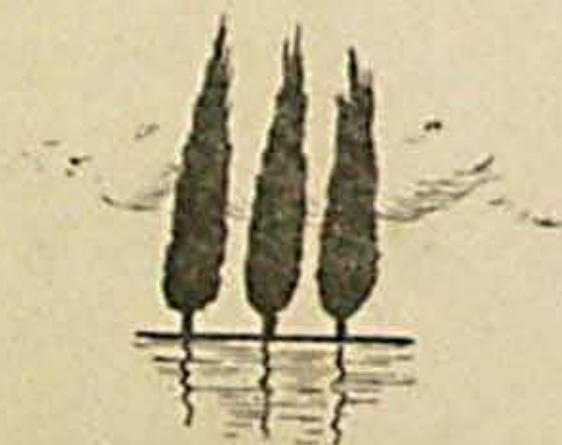
*F*ICA distante da cidade e em frente
A' remansosa paz de uma enseada,
Esta, dos meus, romantica morada,
Que olha de cheio para o Sol nascente.

*Arvores dão-lhe a sombra desejada
Pela calma feição da minha gente,
E ella toda se ajusta ao tom dolente
Das cantigas que o mar lhe chora á entrada.*

*Lá dentro, o teu olhar de calmos brilhos,
Todo o meu bem e todo o meu empenho,
E a sonora alegria dos meus filhos.*

*Outros que tenham com mais luxo o lar,
Que, a mim me basta, flôr, o que aqui tenho:
Arvores, filhos, teu amor e o Mar.*

MARIO PEDERNEIRAS.



Quase um conto de fadas

A Musa vagou pela cidade tumultuosa, agitada e rodeada pelo bando branco dos seus cignes. Os pobres passaros tezes embaraçavam-se nas asas, que pendiam como helices de embarcações, no lodo de um porto de que a maré baixou.

E nenhuma agua para fazer nadar os cignes! Nem um rio atravessa a cidade, arejando-a com sua larga circulação de ar. Nem um pequeno córrego, nem um lago, onde os cignes pudessem ter a illusão de vozar, recomegar o que é a sua vida natural. Arrastavam-se sobre o duro asphalto... As asas estavam cheias da poeira das grandes estradas. A Musa excitava-os, levando-os á frente, na esperanza de achar enfim para elles uma agua de salvação, antes do fim do dia. E como agulhão ella manejava uma varinha feita de junco, que em outro tempo lórá uma flauta de sons divinos.

Agora, o canto dormia alli, como dentro d'um estojo... A Musa tambem soffria, pela magua dos cignes e pela sua magua. E lá ia ella, ao jeito da mendiga.

Era pobre. Cobriam-na andrajos. Tanto que ninguem imaginaria a sua realza, exilada em uma época vil.

As multidões, á sua passagem, riram, caçoaram... Dichotes cahiram sobre a neve dos seus cignes. Sup-

punham-se vindo de alguma horta de briza, managerie humilde de um urso inoffensivo, exhibido com cymes... Ella propria deu a imperato aos transeuntes de uma bohemia... de uma cigana maltrapilha, que não inspirava confiança... Alguns artistas apenas, de quando em quando, paravam a olhar os seus cabellos sub-humanos, — esplendor de fogo, floresta de Outubro onde habitam deuses...

Ella sentia-se sem esperanza... Quem a acolheria, quem lheitaria a fome e lhe daria ardo? Oit'ora, para ouvir a sua voz e a voz dos seus cignes, os reis a chamavam aos palacios, dando-lhe o ciro dos seus coltes. Hoje, ninguem se preocupava com ella... Não havia mais reis... e o povo não comprehendia nada do subtil encanto do rythmo... Ah! ella bem se sabia definitivamente só, abandonada, inutil...

Havia chegado a hora, enfim, em que tudo se consume? Um negociante, cuja attenção tinha sido attrahida pela sua nudez, interpellou-a bruscamente da porta da sua loja:

— Procura alguma coisa?

— De que viver, ou não morrer...

— E' o mais difficil, quando não se é razoavel.

— Como? O que quer dizer?

— Sim, disse o negociante, em tom auctoritario e de desprezo. A senhora sem mesmo é interessante.

Quase um conto de fadas

Complica inutilmente a existencia com este bando de cysnes, que é um luxo inutil; e mesmo uma anomalia.

«Veja só se au posso ter cysnes! E os outros habitantes da cidade podem tambem dar-se a este luxo? Elles cantam, ás vezes, diz a senhora, mas o que vale este canto natural, qué não è, como o das cantoras, disciplinado pelos Conservatorios, e que para nada pôde servir? Nem mesmo para a Opéra. Ainda, se fosse só, poderia talvez achar uma solução: quando se é mulher ...

«Sobretudo, quando se tem assim tão linda cabelleira... Creia-me: abandone os cysnes. Ou então tire proveito d'elles... como cantores, são inúteis, e nada valem. Venda-os. O seu *duvet* representa uma somma respeitavel. Fazem-se, a senhora sabe, travesseiros que são procurados e apreciados, porque dão bellos sonhos. Quem sabe? Talvez por appoiar a cabeça no despojo macio dos cysnes, é que se têm bellos sonhos. Talvez seja por isto que se ouvem vozes, que se vòa durante o somno, para além da realidade... Venda os cysnes. Troque-os por qualquer coisa que dê lucro immediato, prefira isso a um canto illusorio, que nunca se ouve, a não ser na hora da morte... Seja pratica, enfim!»

A Musa fugiu da cidade hostil, da cidade sem alma e sem ruidos, onde os cysnes tinham pensado morrer. Ella passou os arrabaldes, attin-

giu os primeiros campos pontuados de casas, de brancos castellos. O scenario agora estava mais de acôrdo com ella.

Os seus cabellos vermelhos pareciam-se com as folhas da vinhas virgens, toucadas por Outubro... Apesar de tudo doia-lhe o estado dos cysnes. Estavam cada vez mais ansiosos; a poeira lhes pesava sobre as asas. Estavam agora côr de cinza.

Onde achariam o meio de tornar ao que eram antes? Um canal, um lago, para recommencarem a sua peregrinação ao longo da agua! São como navios encalhados, naufragados numa enseada em que a maré não os attinge mais.

E é a morte proxima, o deslocamento das asas e do *duvet* como de um envolvero branco, se a agua não voltar mais... A Musa caminha, desesperada e como louca do silencio do campo. Seus olhos interrogam o horizonte. Nenhuma ribeira espera encontrar nem mesmo um d'estes canaesinho de irrigação que cortam, aqui e ali, os prados verdes, como caminhos de espelhos. Nada mais, a não ser planicies monotonas, plantações sacudidas pelo vento.

No entanto, um branco castello apparece entre as arvores, ao longe. Os seus finos torreões, revestidos de ardosias, luzem, com a côr dos pombos que bebem nos beirões das gotteiras. Um vasto parque se estende,

Quase um conto de fadas

defendido por uma grade dourada, cujas hastes brilham ao pôr do sol.

Parece uma grade de sol... A Musa toma coragem, apressa-se, conduzindo o bando cansado dos cysnes, orientando-os com a ponta da sua vara silenciosa. Enfim ella chega, chama, pede soccorro, asylo... Os cysnes já sem forças sacodem as asas, batendo com os peitos na areia da alea como se esperassem ver brotar a agua que elles adivinham no fundo...

O bando lamentavel avança, seguindo a rua que faz a volta. De repente a Musa e os cysnes, ao mesmo tempo, dão um grito de esperança, de desespero, de supplica, de alegria.

Um vasto lago surge do outro lado do castello, grande extensão de agua, glauca e estriada. É a salvação... Os cysnes, febris, querem avançar, a Musa dirige-se para a escada onde vae interceder...

A castellã neste momento apparece a um olhar lhe basta para comprehender... Irá ella dar asylo a esta mendiga? Talvez a possa tolerar em algum canto do castello, e acolher os seus cysnes, com a condição de elles acceitarem a vida em commum no grande lago do Castello... A Musa se desòla. Pobres cysnes! Irá ella inflingir-lhes essa pena? São tão orgulhosos! Não querem a agua senão reflectindo unicamente a brancura de suas pernas, e a sua passagem...

— Alli elles estarão muito bem

(insiste a castellã) junto dos patos, gallinhas d'agua e ierés...

— Sim, mas meus cysnes são orgulhosos, sò querem estar sós...

— Não se tem direito de ser difficil quando se pede! (disse a castellã, com um pouco de impaciencia.)

— Seja, mas eu conheço os meus grandes passaros, morrerão da promiscuidade...

— Que grande cousa! (exclamou a castellã definitivamente irritada.) Mas o que é que a senhora pensa? Queria sem duvida um lago á parte, unicamente para os seus cysnes, com a margem de prata... Pensam elles ser de uma raça divina, estes pobres cysnes? E superiores ás outras aves? Ora, eu tenho patos, gallinhas d'agua, de côres coloridas, cem volateis que acceitam muito bem esta vida em commum na mesma agua. E tambem teem asas... E são agradaveis tambem, mais agradaveis do que os seus cysnes, sempre desdenhosos... e mesmo são mais uteis pois podem ser comidos.

A castellã disse ainda:

— Era por uma generosidade que eu consentia em não expulsal-os, e por compaixão pela senhora, que tem fome, e não tem onde dormir. Por preço d'esta hospitalidade, ter-me-ia dado os cysnes; afinal não ficam no lago...

A Musa, percebendo o negocio disfarçado, e que com a condição de *domestical-os*, a ella e aos seus

Quase um conto de fadas

cysnes, os acolheriam, poz-se novamente a caminho, triste e orgulhosa, apesar de tudo, indo ainda uma vez, passar pela cidade.

Em uma rua deserta, a Musa, sempre escoltada pelos cysnes extenuados, foi abordada por um adolescente, que a acompanhava, de longe, desde que ella havia transposto os limites dos arrabaldes, reentrando na cidade...

Era pallido. Os seus longos cabellos estremeciam. Olhava-a com uns grandes olhos febris. Disse-lhe:

— E's bella!... Bem quizera amar-te!

— Amar-me? Mas sou tão pobre, e não poderia senão arrastal-o também á minha pobreza.

— Tens uma cabeça de rainha, ha nos teus cabellos todo o ouro das corôas!

— O senhor é uma creança, disse a Musa. Que fariamos, se nos amassemos? Morreríamos juntos, não é?

«Bastam os desgostos que me dão os meus cysnes»...

— Eu os amarei também...

— Mas, quem é o senhor?

— Um poeta!

A Musa, já cançada, sem forças nem esperanças, commoveu-se. Ella sentiu que este ao menos, a amava profundamente. Seus olhos pousaram nella como caricias...

— Vem, commigo, disse o adolescente.

A Musa seguiu-o, até defronte de uma casa escura, aonde subiram juntos por escadas ingremes, chegando assim em um quarto despido, sob o telhado... O adolescente tremia de amor, de angustia...

— Eu te amo disse elle. Ha tanto tempo que eu te esperava aqui...

Dos andrajos della, brotou um corpo encantador...

Então elle conheceu o mysterio da sua Arte.

A Musa ensinou-lhe o rythmo pelas palpações do seu seio... — igual ao palpar do mar e dos astros — ensinando-lhe também as rimas pelos botões gemeos de rosa-chá, que os coroavam.

Ella abandonou-lhe toda a sua carne mysteriosa. As roupas uma a uma cahiram... Sim, desta vez era amada por ella mesma. Pura emoção de poeta pobre que não quer senão os beijos da Musa... Os cysnes, em volta delles, tremiam... Então o milagre realizou-se... Enquanto a Musa se mostrava inteiramente nua, emfim cedendo a um sincero amor, os farrapos no chão se transformaram em uma onda clara, branca cada vez mais fluida... desdobraram-se, tornando-se ondas pequenas, acariciadoras e doces...

Os cysnes reanimaram-se, e começaram a vogar com arrepios que encheram o silencio de uma musica de prata... milagre do Amor!...

Quase um conto de fadas

A Musa estreitou o adolescente que se extasiava. Ella exultava:

— Eu bem sabia que nos salvaríamos. Que não me seria preciso matar os meus divinos passaros para vender as suas penas ao negociante tentador, nem obrigar-os a decahir, na promiscuidade do lago do castello...

«Eu advinhava que um poeta viria amar-me d'amor para que o prodigio se realizasse e as roupas se transformassem em agua»...

Não! Elles não poderiam morrer! a sua raça é dos deuses, e a Poesia é immortal!

Georges Rodenbach.



Sarvarthasiddha — o Buddha

FOI em pleno esplendor fallaz da natureza
Que elle te conheceu, Humanidade errante,
Sob o jugo fatal do tempo flagellante,
Reduzida á velhice, á molestia e á pobreza.

E esse principe hindú, que a pompa da realeza
Cercara de um perenne encanto delirante,
Abandonou o amor, a côrte deslumbrante,
A opulencia, o fulgor do fausto e da grandeza.

E sereno apontou a paz ao moribundo,
Resoluto enfrentou a contingencia humana,
Çakyamuni te guiou, através deste mundo

Accidentado e vil, á igualdade que irmana,
Para o eterno descanso infinito e profundo,
Para o aniquilamento eterno do Nirvana !

Rosalina G. Coelho Lisboa.



Palavras malucas

TODAS as manhãs quando escancarou a janella, depois do meu somno e do meu sonho, o meu olhar, batido das claridades do dia nascido, se estende escandecido até uma janela longinqua, que se rompe, como da frontaria dum castello lá ao longe, sobre a parte mais baixa da cidade acordando para os labores da vida.

Olho a janela bem dita e no meu olhar aclarado por um relumbro refulgente, palpitam sempre uma enorme Esperança e uma infinita Ansiedade.

Quasi á frente da minha janela, erectas, quadradas, terminando em cupolas de vidrilho liso, alevantam-se para a impossibilidade azulada do céo, as duas torres antigas da igreja de São Francisco, semelhando rijos torreões medievaes.

À esquerda, as aguas da bahia, ora azues, ora cinzentas, orladas — para além — do rendado esbatido dos montes, incriveis dão-me a vaga e ténue reminiscencia das aguas estacionadas dum lago suiso, rasgadas de quando a quando por uma vela branca, aberta ao vento como uma asa de gaivota recortando subtilmente o ar vibrante ou um lenço saudoso acenando ao fim dum descampado verde-escuro, á incerteza da meia tarde.

Sò quem algum dia sentiu a muda afflicção de alguém fitando uma jane-

la fechada angustiosamente, pode imaginar o soturno temporal que todas as manhãs, em pleno sol das oito horas, havia de romper-me dentro do coração fremente, uns rugidos terriveis de fera hirsuta, uns bramidos de lobo ansioso.

Parecia-me, nesses momentos, que tudo derredor fosse imponderavel, que eu olhasse — mas não visse, que eu apalpassse — mas não sentisse: o casario sumia, desmaterializando-se dentro duma névoa que já depois se transformava em éther; as creaturas que varavam o arruido das ruas na actividade animal dos árduos degladios pela vida, um pouco meus olhos agudos não as distinguiam da existencia, tornadas átomos microscopicos; as altas arvores então, eram como esgarçadas fumaças, verdinhas sob o clarão do sol, subindo do seio incorporeo da terra; o proprio sol, ainda que aquentasse os frios do ambiente deserto, era como um luminoso espirito errante, formidavel e abstracto.

Ah! como então eu só vivia para aquella janela desalmada, sò distinguia aquellas vidraças trancadas!

Minha vida refluia completa para meus olhos, como um rio correndo para as seccuras angustiosas dum terreno caniculado.

Meu corpo enrijava dum modo assustador, como a envergadura robusta dum tronco subitamente des-

Palavras malueas

vitalizado por um sopro atroz de incendio.

Meus nervos, na inquietante suspensão de quatro dos meus sentidos, duros, parados, retesos, á semelhança de cordas de aço, descortinavam de sua vibratilidade subtil, deixados das estúas palpitantes da vida para a serena invizibilidade das capacidades alludidas e das intuições estarrecidas.

Meus olhos sò — viviam, enquanto tudo mais em mim perdia a augusta acção do sangue fabricando a vida.

Mas, quanto mais eu olhava, no desespero da espera, mais aquella janella longinqua, que se debruça para a parte baixa da cidade, continuava no seu impertubavel mutismo de palpebras adormecidas.

Vinham-me depois, á luz mais crúa das horas avançando, impetos revoltados, assaltos tremendos, dese-

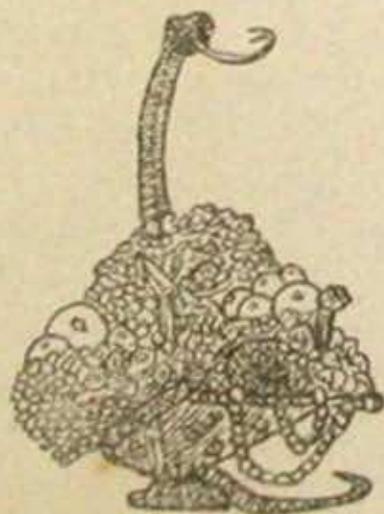
jos frementes de suicidio, dentro do silencio casto da alcôva núa.

De brusco a minha vista experimentava, rudemente, assim como num deslumbramento inaudito, a suprema angustia de mais luz, de mais clarão, de mais sol: a janella se abria, lentamente, e um perfil surgia, serenamente, como um nobre astro branco desunindo-se do alcance dum horizonte indistincto e pouco a pouco subindo.

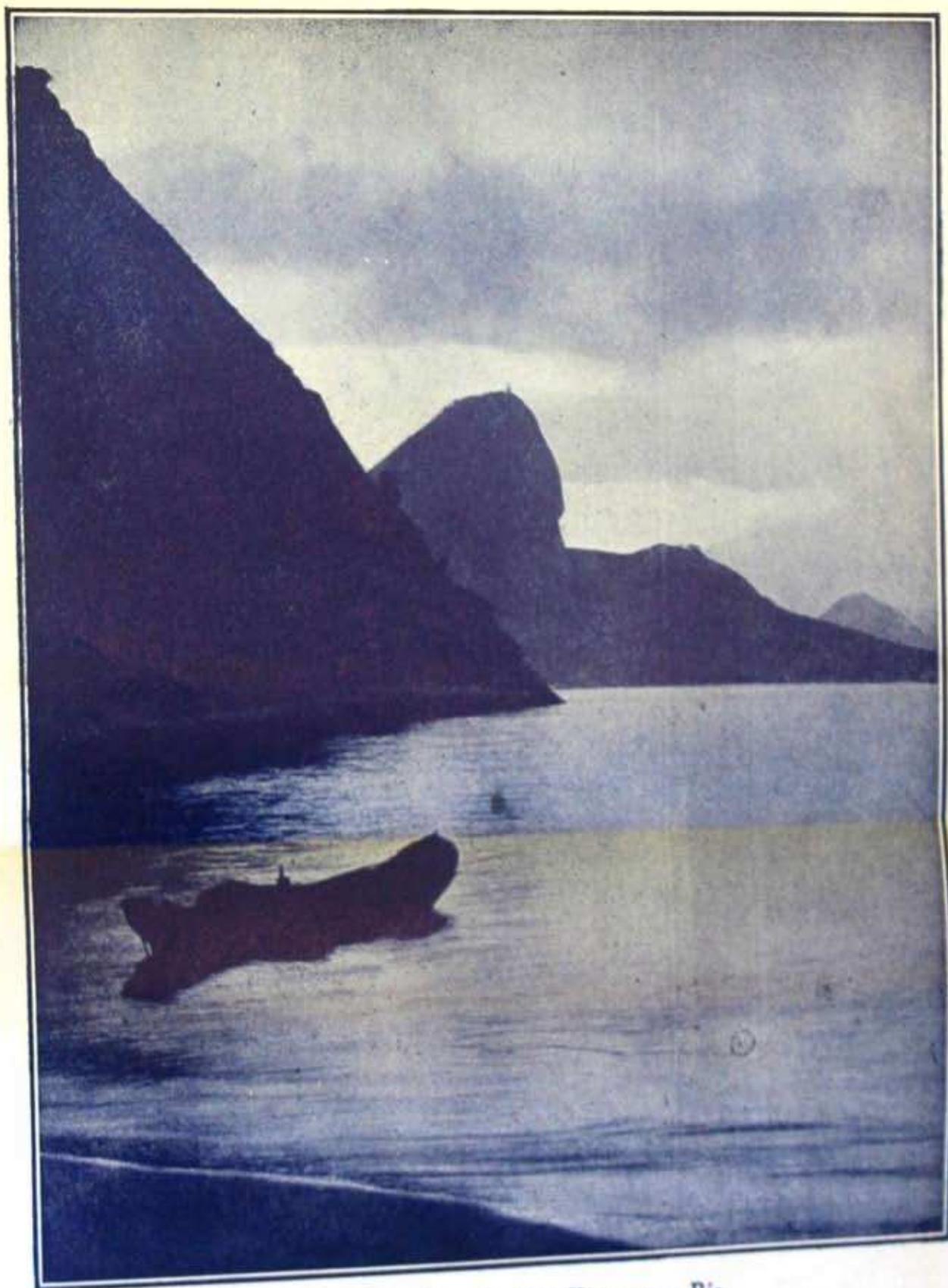
E com o apparecer magnifico daquelle vulto claro, ao longe, a vida retornava-me ao corpo estarrecido, o sangue reestruava braviamente, os nervos readquiriam a antiga energia.

Minha bocca, então, florescia victoriosamente no mais tranquillo sorrir: o sorrir bendito duma saudade satisfeita, o sorrir clarissimo dum minusculo desejo realizado...

Mascarenhas FILHO.



Meia-tarde



Recanto da ilha da Boa-Viagem --- Rio

NOVENAS EM MAIO

— *  SENHORA, o meu vizinho,
Acaba de perder o seu meigo filhinho,
O mais humilde cordeirinho
Deste lugar.

Esse humilde cordeirinho
Tinha no olhar
Uma frescura tal,
Que parecia a água de um riacho
A escorrer e a cantar
Por baixo
De um florido roseiral.

A sua bocca recordava
Uma fruta sazoadada,
Muito encarnada,
Que elle proprio trincava
De uma maneira singular !

Ao vê-la os colibrís, cansados de voar,
Procuravam sugal-a...

Que lindos dentes côr de opala !

E que mãos delicadas tinha elle !
Rosada, a sua pelle,
Lembravam os jambos quando amadurecem
Sob os raios do sol, que do alto descem
Como se fôsem rútilas abelhas,
Para sorvêl-os...

Seus cabellos
Caíam-lhe na nuca, desmanchados,
Aos punhados...
E quando o vento os sacudia,
A' luz doce e purissima do dia,
A gente se lembrava dos trigaes...

Eram loiros assim, e muito mais...
Ou como as asas
Dos canarios das telhas
Das nossas casas.

Ao encontral-o na estrada, á sombra dos pinheiros,

NOVENAS EM MAIO

Onde trinam colleiros,
Eu me sentia bem, diante do seu olhar;
E não tinha vontade
De sahir de onde estava, na verdade.

O seu olhar possuia
A frescura d'agua de um riacho
A correr e a cantar
Por baixo
De um florido roseiral.

Pelas manhãs azues, muito cedinho,
Elle, o filhinho,
Do meu vizinho,
Era encontrado já pelas coivaras,
A retinir a enxada,
Entre o velludo verde das seáras...

Antes, porém, deixava
No balouçante ramo
De uma arvore, na estrada,
Sua gaiola dependurada,
Dentro da qual cantava,
Prisioneira,
A alma alviçareira
De um gaturamo.

E de guilhada
Atravessada
Por trás da nuca, e braços em balança,
E balanços no andar,
Elle, embora criança,
Já sabia guiar
Uma junta de bois.

Pelos morros acima,
Aos solavancos entre os mattagaes,
Guiava os animaes
Com o guiso de prata de uma rima
A vibrar-lhe na bocca; e com aquelle olhar
Que parecia a agua de um riacho
A correr e a cantar
Por baixo
De um florido roseiral.

E lhe queriam bem, aquelles bois:

NOVENAS EM MAIO

Depois,
Correndo á praia quando a lua despontava,
Elle via na lua um seio que o chamava...

Não tinha, o meu vizinho,
Senão esse filhinho,
O seu melhor amigo, o que já trabalhava,
A cantar, para o monte...

Mas ao vir, cansadinho,
A' frente dos seus bois, eil-o dentro da fonte
Do caminho...
E por isso apanhou uma constipação
Que o levou para a cama, de tal jeito
Que nest'hora lá está, o cordeirinho,
De mãos postas ao peito,
Todo estirado,
No seu funereo e derradeiro leito!...

E não lhe bate mais o coração!...

Lá se vae para a terra fria o cordeirinho
Deste lugar!

E para aonde irá o seu olhar?

A tristeza de vê-lo num caixão
Não me impelle
A vir rezar por elle
Que, talvez, ao crescer, ao ser rapaz,
E depois de homem feito,
Podia ter no peito
Um coração como o de todo homem,
Quasi sempre propenso á pratica dos malles
Que o consomem
Pelos valles
Desta vida tristissima e mordaz...

(E Deus sabe o que faz).

Vim apenas rezar, com doçura e carinho,
Pelo seu pai, o meu vizinho.
Enxuga-lhe, Senhora, o amargo pranto,
Com os lenços brancos do teu amor...
E que toda a afflicção,

NOVENAS EM MAIO

Do seu magoado coração,
Sinta o riso esplendor
Da tua piedade maternal,
De onde não brota o mais pequeno mal.

Dize-lhe ao coração
Que não chore tanto,
Porque, ás vezes, o nosso pranto
E' fruto sem semente, e apodrece no chão.

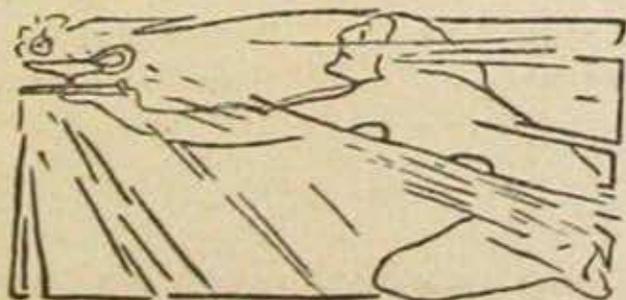
Virgem Senhora da Conceição,
Dá-lhe o agزالho da tua mão.

Quanto a mim, não lhe pude dar um ai,
Que elle pudesse ouvil-o...

O coração de um pai,
Quando lhe morre um filho pequenino,
Por mais que queira nunca está tranquillo;
As ansias o consomem...
Fecha os olhos a tudo, até mesmo ao destino
Tristissimo, infeliz,
De profunda raiz,
Que o seu filho terá quando se fizer homem! —

Florianopolis — 1920.

Araujo FIGUEREDO.



“CASAMENTOS CÁ DA TERRA,,

AS terras são como as pessoas : não ha uma que se iguale a outra. As dissimelhanças resaltam, nitidas, incontestaveis. O deleite de analysar-lhes as diversas fórmãs de viver — os seus caracteristicos — é que levava o espirital Fradique a viajar, arrastando-o de ao pé de Chambray *club-man* para junto dos zulos de Wreyheid...

Ora, Florianopolis tem cá os seus distinctivos. Temos, por exemplo, as nossas bahias cercadas de montanhas de um anil carregado, um céu d'encantar, — « crepusculos alucinantes » — como lhes chama Diniz Junior, cuja alma sabe tão perfeitamente comprehender e definir a conexão entre certos estados psychicos e as expansões da Natureza, sempre rica de amavios e galas ineditas; temos tambem o vento sul, aspero e inclemente como um barbaio das Invasões, e o pinturesco arrabalde da Toca, com o casario empilhado em cima de um monturo, águas podres e fezes rebalsadas no declive dos quintalejos... Temos, além disso, typos inconfundiveis, morbidos, ás vezes, de uma morbidez satanica, eivada das peiores tachas pathologicas, e, ás vezes, suavemente *detraqués*, prestando-se a mais não poder para um engraçado estudo á Lorrain e á João do Rio. Virtudes e vicios — todas as grandes acções, luminosas como céu de verão, e todas as falsidades immensas, tôrvas e violentas como

tempestades... Não nos falta o garoto, por quem Fialho d'Almeida sempre teve uma exquisita admiração. Mas o nosso garoto é manso, respeitador da Polícia e das vidraças alheias: e, pequeno nos seus doze annos, é já um grande e um forte para ir furando a vida ás cotoveladas e aos assobios...

E temos ainda...vossês sabem o que? Os casamentos.

Um dia, as gazetas lançam ás turbas avidas de novidade o prégão pittoresco do « *enlace do distincto cavalheiro e nosso amigo senhor Boaventura Grosso com a gentilissima demoiselle Sabina Mucio Saevola. Ao jovem par antecipamos, com muitos cumprimentos, os nossos mais ardentés votos de felicidade.* »

Então o leitor pespega na propria testa (e que desaforo si fôsse na alheia !) uma palmada sêcca :

—Diabos ! la-me esquecendo ! Quero ver isso de perto...

E, berrando para a varanda, onde a mulher vai somnolentemente reparando umas piugas ultra-usadas:

—O' *bichinha* ! E' hoje que a Sabina casa !

—E' sempre com o Grosso ?

—Com quem havia de ser? Si queres ir até a Cathedral, aprompta-te. Estão quase a pingar as seis e meia, e ás sete, com certeza, elles estão lá !

A mulher calça os çapatos com rodellas de borracha nos saltos, muda o saiote e enverga uma manti-

CASAMENTOS CÁ DA TERRA

lha de coloração neutra; as filhas dão uns toques de pente ao cabelo, enrolam ao pescoço *écharpes* mais leves que espumas, enquanto o senhor, já de chapéu na cabeça dentro de casa, ainda passa a escôva no paletó, com autoridade. Agora é a mulher quem se apressa:

—Anda, homem, que levas um século !...

E é elle quem responde :

—Espera um pouco ! A Cathedral não foge !...

E a hoste abala, a marche-marche, as *écharpes* a esvoaçar como signas guerreiras. Chegam. O templo está cheio e sonoro como uma colmeia. Entram, tresmalham-se, confundem-se, no seio da multidão rumorosa. Fala-se alto como numa feira. Ha risos. A luz expande-se das lampadas electricas, quebra-se na abobada, cai a prumo sôbre a massa curiosa e hilare. Uns cães vadios, entrados de roldão com a turba, são postos na rua a ponta-pés e vão a ganir sob galhofas irreverentes. A um grosso rodar de carros lá fóra, a multidão já abre alas dentro do Templo. São os noivos que chegam. O borborinho sobe ao auge. No côro uma voz entôa a *Ave-Maria* nupcial — longa, lenta e triste como um *Requiem*... A noiva carinha perturbada, com a mesma commoção que deve assaltar as actrizes nas estreias de grande reclamo, e o seu véu,

de uma leveza de nuvem, envolve-a toda, docemente . . .

Mas a cerimonia acaba. O sacerdote felicita os nubentes. Apertos de mão, abraços, *parabens* em voz baixa. As meninas que levaram as almoçadas e a que levou as allianças num salva de crystal, sorriem.

Por toda a nave do Templo, abalada a porta, mesmo no adro á claridade das estrêllas, o povolêu commenta quase aos gritos o vestido da noiva, o peitilho reluzente do noivo, o symbolico ramalhete de flores de laranja, a ostentação domingueira das testemunhas, — e alguém observa com escrupulo, que o dr. *Hautecomme*, de casaca, não se pejou de vir de gravata azul-celeste.

O tumulto recrudesce. Os casadinhos saem. A multidão, borborinhando, reabre alas. Cotoveladas. Pescoços estendidos na ansia de ver. Dichotes e trocadilhos. Duas mulheres da relé mutuam insultos a meia voz. Alguém silva um *pssst!* reprehensivo. Mas ninguém attende: o cortejo vai saindo, e o marulhar do vozerio, crescendo, retumba sob a sonora abobada. A turba despeja-se no adro, escorre pelas escadarias. E o templo fica vazio, com as lampadas a rebrilhar inutilmente, os santos immoveis nas peanhas dos altares, — indifferentes ás miserias da Terra e aos casamentos..

Altino Flores.

A VOLTA DA PRIMAVERA

PRINTEMPS, baiser d'amour!... Sazão da côr bemdita!...
Arde a explosão da Luz, e Flôra, sem recato,
Dos seios nús roreja o orvalho feito extracto
Que o cadaver do tronco, em brótos, resuscita!

Hortas, campos, jardins revestem-se de fruto :
---Em cada flôr aberta uma alma nova habita
E a volupia subtil que o terno estame excita
E' vida para o insecto e aroma para o olfacto!

Assim, como em noivado, ha luxo nos matizes...
Andam por toda parte as seducções vermelhas :
---Dos desejos da Carne à seiva das raizes---

---Gloria de uns seios nús, de luas em crescente,
Onde os meus labios, Flôr! andassem, como abelhas,
Sugando as illusões de quadra mais ardente!

João Crespo.



MEDIEVAL

NOITE, alta noite. Solitaria, a lua
Vai pelo céu longinquo errando á toa
Como Ophelia boiando, loira e nua,
Na agua plácida e azul de uma lagoa.

Rude, féro, gigante affeito á crua
Guerra, o castello, no alto que coroa,
Dorme o somno da paz dentro da sua
Armadura de pedra, forte e boa.

Fóra, em baixo, na sombra, um pagem loiro
Canta. Canta de amor, numa voz de oiro:
Alguem o ouviu. Abriu-se uma janela.

Pendem do muro os fios de uma escada...
... E a derradeira nota da balada
Morre, num beijo, sobre os labios d'Ella.

Vicente de Carvalho.

